

Apresentação

O século XX foi um período de avanço para as Ciências Humanas que, por meio do método científico, foram buscando uma identidade própria. Como disse Dosse (2018, p.12) esse período pode ser considerado “como a idade do ouro das ciências humanas”, culminando, na sua última década, em uma virada hermenêutica e pragmática. A busca por dar nome aos modos como o pensamento criava novas formas de estar no mundo mudou paradigmas e fundamentos sob os quais se fundava até então o conhecimento e se fazia pesquisa nessa área. Passou-se a privilegiar mais o signo do que o sentido, mais o espaço do que o tempo; mais o objeto do que o sujeito, mais a relação do que o conteúdo, mais a cultura do que a natureza.

Vivendo agora as incongruências desta segunda década do século XXI – tais como as ameaças de retorno do fascismo e da barbárie, a iminência da perda de direitos adquiridos por grupos antes invisibilizados, a desvalorização e a retaliação da arte e da cultura, entre outros fatos e fatores negativos que rondam os pesquisadores, suas análises e as instituições onde estas são produzidas –, vemos crescer a importância e a necessidade de estudos que repensem questões relativas ao esgotamento da ocidentalização do conhecimento e de seus formatos metodológicos.

As diversas formas teleológicas de fundar o conhecimento se abrem a um pensamento diferencialista e ao conceito da diferença, introduzindo a ideia do “não lugar” da ciência e do objeto científico. O que se abre nesse horizonte é uma busca de metodologias que representem reconciliação com os grupos e as ordens de existência comuns ou minoritárias, com a margem constituída por seus rituais, rotinas e modos de ser e viver, em suma seu conteúdo humano; o que pede uma revisão do causalismo das ciências experimentais.

Em meio à busca de desvelamentos investigativos para pesquisar com ordens que reconfiguram o lugar da produção de conhecimento e da interpretação epistemológica, trazemos nesta publicação estudos que buscam fugir à simples reconstrução e redefinição de representações já existentes. Os artigos aqui reunidos tratam de estudos e pesquisas que refletem a busca por um não modelo, uma vez que aquilo que nos desafia é nomear, sensibilizar, visibilizar o que difere no ato contínuo

da diferença, presente nos contextos educativos e nos espaços profícuos de saberes e arte.

Este Número Temático agrupa autores de instituições de ensino e pesquisa localizadas no Paraná (UFPR, UNIOESTE), Pará (UFPA), Rio Grande do Sul (UFRGS; UFPEL; UFFS) e também da Argentina (UBA) e dos Estados Unidos (ASU). São pesquisadores, escritores, professores, orientadores e estudiosos que têm percebido como esgotadas certas experiências e caminhos de pesquisa. A intenção é mostrar o que vem se fazendo para renovar a pesquisa em áreas que se utilizam de metodologias de cunho qualitativo. O que chamamos de *método qualitativo*, tão utilizado nas Ciências Humanas, na Arte e na Educação, pode ser compreendido de muitos modos.

Por força dos temas que se propõe a pesquisar, esse grupo de autores ousa criar metodologias e procedimentos. Alguns são mobilizados pelas forças do ainda não nominado, do não quantificável, do indizível que povoa o campo do entre sentido, no qual o pesquisador reverbera no pesquisado e o desdobra, confundindo os limites modernos entre sujeito e objeto. Ao nomear, problematizar, criar e propor uma análise, com procedimentos metodológicos que se produzem no trilhar da pesquisa, tece-se um processo que pode derivar em uma escrita de objeto, de produção de conhecimento novo que concomitantemente investiga ou experimenta um estilo próprio. Este se opõe àqueles procedimentos e metodologias que acabam por reduzir o proposto ao mesmo, ou ainda, a um ponto de vista linear que arranja um “saber sobre”. Dessa maneira, propõe-se aqui múltiplas formas de traduzir saberes e questões que se diferenciam, ao passo que se mantêm contemporâneos.

As metodologias aqui reunidas, enfim, visam permitir a consulta de outros e diferentes processos de investigação e pesquisa. Objetivamos mostrar que outros formatos de estudo, outros usos dos conceitos, outras ferramentas de investigação e de escrita acadêmica são possíveis, e contribuir para que essas alternativas se tornem acessíveis aos que se iniciam nos estudos da diferença. Os artigos e ensaios aqui reunidos formam um conjunto que pretende criar terreno para potencializar, discutir e alimentar outras propostas metodológicas e/ou procedimentos que possam ser referentes de pesquisa acadêmica.

No texto intitulado **Uma introdução à teoria das linhas para a cartografia**, Luciano Bedin da Costa e Alexandre Sobral Loureiro Amorim propõem desdobrar um aspecto do método cartográfico que costuma ser pouco explorado: a teoria das linhas. Essa teoria implica arranjo de conceitos que podem servir de guias para uma pesquisa e/ou metodologia cartográfica pelo viés da filosofia da diferença. Os autores problematizam três linhas: as duras, de cunho binário, que são as linhas costumeiras e determinam o plano das segmentaridades duras; as flexíveis, também chamadas moleculares, que se infiltram nas brechas e operam movimentos microfísicos capazes de produzir microabalos sísmicos em planos mais cristalizados; e, por fim, as linhas de fuga, que, conforme o nome suscita, são as que operam cortes e também produções de séries inéditas sobre o já segmentado. Mostram que cada linha tem sua funcionalidade e seus perigos, devendo o cartógrafo mapeá-las e trabalhar a favor da liberação da vida onde ela parece estar mais aprisionada.

No segundo artigo, intitulado **Princípios da cartografia e o pensamento da diferença em Deleuze – o que quer a pesquisa cartográfica?**, a autora Cláudia Madruga Cunha analisa que o contexto atual aproximou a diversidade da diferença. Como a primeira noção massifica os sujeitos que nela agrupa, Cunha propõe que seja dissociada da diferença. A cartografia é modo de expressão e de conexão entre o conceito de diferença e o vivido da diferença; construção de procedimento que vai em busca do *entre sentido* das coisas, conectando o que se interpreta ao acontecimento. Operar com a diferença envolve a desconstrução de arquétipos e a revisão de estruturas que vêm da tradição identitária. Exige uma metodologia que atraia determinados princípios: de conexão, de heterogeneidade, de multiplicidade, de ruptura a-significante, de cartografia e de decalcomania, no objetivo de não se perder o sentido do diferente na educação e em áreas afins.

O terceiro artigo, das autoras Carla Gonçalves Rodrigues, Josimara Wikboldt Schwantz e Lisandra Berni Osório, aborda **A arte de inventar mapas: cartografando limiares, percursos e subjetivações docentes**. Tais mapas tendem a capturar a forma dos lugares e aquilo que, visto por olhos desatentos, parece estático. Dizem também sobre coisas que escapam à possibilidade de captura e representação. Aproximando Calvino (2017) da filosofia deleuziana e guattariana, as autoras aludem ao quão difícil é colocar no papel o caminho das andorinhas que cortam o ar sob os

telhados, performatizando trajetos com seu vôo. Entre as coisas que é possível escrever e outras que fogem à interpretação, apresentam a cartografia como mapa que toma outra direção e coleciona eventos relacionados ao que ainda não possui narrativa exata, fórmula certa ou forma acabada, tal como o voo de uma andorinha. Interessa às autoras acompanhar o movimento que o pensamento faz, as diferenciações subjetivas em curso e as forças que impulsionam os movimentos.

No quarto artigo, intitulado **Escrever o discurso de outros, com outros: uma experiência imanente de escrita-pesquisa**, Adriana Muniz Dias, Ester Maria Dreher Heuser e Roberto Corrêa Scienza observam que a universidade é lugar de hierarquias, camadas sobrepostas que permitem alguns interstícios institucionais e a ousadia de aventura anárquica. Compõem uma narrativa que indaga o que se passou em 2017, quando discutiram *Geologia da moral. Quem a Terra pensa que é*, de Deleuze e Guattari, em um seminário. Trazem a noção de imanência elaborada por Gilles Deleuze em *Praias da imanência* e *Imanência: uma vida* e a tematizam junto ao discurso indireto de Bakhtin, que refere ao devir da filosofia deleuziana e à concepção de algo que carrega consigo vozes polêmicas promotoras de uma polifonia: a diferentes vozes que se defrontam e se entrechocam, produzindo o rumor da língua. Problematizam ainda o tipo de criação advinda da anarquia produzida por um discurso feito de discursos de outros, com outros, para outros, o que implica desenvolver o conceito de outrem como discurso outro.

No quinto artigo, intitulado **Nietzsche e o procedimento genealógico na educação**, Deniz Alcione Nicolai explora o conceito de genealogia, associado à hermenêutica nietzschiana, que caminha para a arte da interpretação. Essa espécie de perspectivismo epistemológico se volta para situação, palavra ou conceito que se cristaliza no campo da educação. Explorando as máximas nietzscheanas, o autor mostra como esse procedimento possibilita relativizar o conceito de verdade de modo a identificar as razões e/ou valores que o compõem. As perguntas da genealogia são: “Quem quer...? O que quer...?” e podem ser utilizadas rompendo com a crítica superficial, escavando camadas de significados e sentidos.

No sexto artigo **Investigación salvaje y composición transductiva: muerte de la literatura y prosa del pensamiento**, Gonzalo S. Aguirre diz propor uma investigação digna de detetives selvagens. A proposta busca romper com as escritas

acadêmicas que se estandardizam, enfraquecem os modos de expressão e parecem renunciar às fontes selvagens de toda a investigação, implicando em ignorar outros resultados possíveis. A título de exemplo, a *Netflix* aparece como uma nova plataforma para transmitir e gerar conteúdos audiovisuais. Esse modelo sugere a possibilidade de criação de outras plataformas expressivas, que poderiam ser geradas com os excedentes da produção acadêmica. Aguirre questiona se a academia está aberta a que possamos escrever e ler sem citar, suscitando um novo estatuto de confiança entre autor e leitor, que dê lugar à autêntica participação de outros modos de conhecer e saber.

No sétimo artigo, **Music as nomad research**, Chris Stover traz a relação entre música e escrita e aborda desafios que envolvem o que foi caracterizado como a “inefabilidade” da música, ou sua resistência essencial à descrição verbal-discursiva. Algo que poderia deleuzianamente ser traduzido como devir-música, o que explora a relação entre uma obra musical e o pensamento meta-musical que ela estimula. O autor examina como, enquanto artista-estudioso, poderia praticar voltando as lentes do pesquisador para si mesmo, interessado na relação entre música e escrita. Seu foco se volta para as improvisações musicais e as práticas de uma arte nômade.

No oitavo e penúltimo artigo, Cláudia Madruga Cunha e Michele Caroline da Silva, retomam o tema da cartografia, sob o título **Cartografias e filosofísica: sensibilizando um corpo feminino deficiente**. Tratam de sensações, sentidos e desejos que atravessam os corpos, tendo como base pesquisa originada na observação de um grupo de meninas e mulheres com deficiência intelectual ou física leve, com idade igual ou superior a 18 anos e matriculadas em uma sede da APAE de Curitiba. A pesquisa propôs uma reformulação das práticas de Educação Física adaptada, abrindo-a para a experimentação, por meio da dança – apresentada como caminho para estimular a expressão corpórea e processos criativos capazes de movimentar sensibilidades e passionalidades que costumam se apresentar adormecidas e invisibilizadas nos ambientes institucionais. Trazem a Filosofísica como um forjar de experimentações em torno da aproximação entre a Educação Física e a ontologia de um pensamento filosófico da diferença, na tendência de apostar na educação de um corpo intenso e não extenso.

No último artigo – **Brinquedo de miriti, arte e currículo: alquimia decorrente de experiência etnográfica outra**, Joyce Ribeiro e Lídia Sarges Lobato propõem um trabalho de campo. Trata-se de um olhar para o processo de produção do brinquedo de miriti, para a significação e construção de lugar que se organiza em torno dos discursos que rodeiam esse artesanato. As autoras jogam luz sobre a cena que qualifica essa produção, assim como sobre significados contestados por artesãos e artesãs, que a representam como arte. Produto da árvore do miritizeiro, espécie abundante na Amazônia, o brinquedo de miriti consiste em peças modeladas em miniaturas repletas de detalhes e com colorido vibrante. O artefato é ignorado nas escolas da cidade em que é produzido, o que impõe pensar a cultura como eixo para o currículo, a partir da alquimia promovida por ferramentas como tradição, patrimônio cultural, arte-artesanato e tradução, todas exploradas no campo dos estudos culturais.

Esses nove textos compõem um rico mosaico de problemas e soluções, questões e considerações, experiência e pensamento, procurando manter entre a interpretação e a ação, entre a teoria e a prática, uma conexão singular, derivada de conceitos e exercícios de pensamento, numa escrita que ousa a construção de um estilo. Esse estilo percorre todo o processo da pesquisa e o encaminhar das questões que nela se alinham, desenhando procedimentos e outros rumos, na busca de orientar e desdobrar as percepções para as realidades analisadas e seus temas que, em geral, giram em torno das ciências humanas, das artes e áreas afins.

Muito nos alegra essa possibilidade de propor outros modos de estudo, pesquisa e escrita.

Cláudia Madruga Cunha e Joyce O. Seixas Ribeiro (organizadoras)

Referências:

DOSSE, F. *História do Estruturalismo - o campo do signo*. vol.1. Tradução: A. CABRAL. São Paulo: Editora Unesp, 2018.